

OFICIALIZAÇÃO DA PSICOLOGIA NO BRASIL: A CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E PRÁTICAS EM CONTEXTO ¹

Thais de Souza Sottili *, Helena Beatriz Scarparo**

INTRODUÇÃO E OBJETIVOS

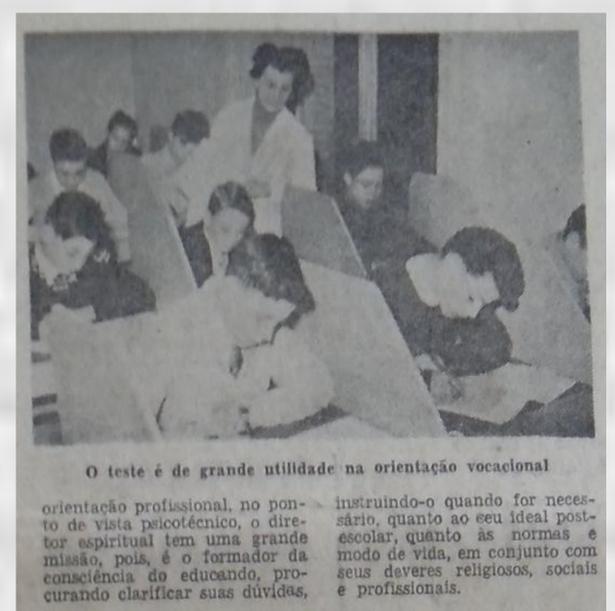
Essa pesquisa estuda os processos de oficialização da psicologia como profissão no Brasil e busca compreender as articulações entre o contexto histórico-político e os sentidos de psicologia explicitados na mídia impressa, mais especificamente, nas edições do Jornal Correio do Povo do ano de 1962. A investigação tem particular interesse neste momento uma vez que em 2012 estaremos comemorando 50 anos de oficialização, o que intensifica as propostas de reflexão sobre os lugares ocupados pelas práticas psicológicas no Brasil desde então e da importância da historicidade para a compreensão desse processo.

METODOLOGIA

Os procedimentos para a efetivação da pesquisa iniciaram com buscas bibliográficas acerca dos contextos de inserção e sobre a história da psicologia na época. Posteriormente, procedeu-se a coleta dos dados. Tendo como fonte todas as edições do Jornal Correio do Povo de Porto Alegre, foram rastreados diferentes tipos de materiais: reportagens, manchetes, peças publicitárias e anúncios. Depois de montada a coleção procedeu-se o processo de análise. Nessa etapa foi feita a análise dos discursos presentes no material coletado (SPINK, 2000) e das imagens paradas (PENN 2002). O resultado dessas análises foi articulado aos resultados da pesquisa historiográfica sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ano de 1962 estava permeado pelo contexto da Guerra Fria um conflito político ideológico, iniciado em 1945, que se caracterizava pelo processo de bipolarização de poderes e que traduzia a divergência entre dois grandes blocos, os EUA (Capitalista) e a URSS (Comunista) no período pós II Guerra Mundial (VICENTINO, 1997; HOBSBAWN,1995). Vigia então a noção de dissociação ideológica em territórios geograficamente delimitados, estando a serviço da evitação de novos conflitos mundiais que poderiam redundar em uma guerra nuclear. Em 1959, com a Revolução Cubana - um movimento social em prol do Regime de Esquerda Comunista que se efetivou em pleno território de domínio capitalista – o inimigo não era externo e sim interno, já que Cuba estava dentro da “zona de influência” dos EUA (VICENTINO, 1997; HOBSBAWN,1995). Evidentemente no Brasil, a Guerra Fria também tinha repercussões, dentre elas a intensa mobilização de parte da sociedade no sentido de afastar a ameaça que representava a ideologia comunista. Tais receios são frequentemente explicitados na fonte examinada seja em notícias relativas à política internacional, nacional ou em materiais voltados para a vida cotidiana. Era claro o clima de instabilidade social e política e, como decorrência, evidenciavam-se manifestações de receio e desconfiança. É o caso das interpretações acerca dos posicionamentos políticos do presidente João Goulart que foi, em vários momentos, associado à “ameaçadora” hipótese de instalação do comunismo no Brasil (FAUSTO,2001). Foi exatamente neste clima Histórico e político que se efetivou a oficialização da Psicologia no Brasil. Dentre as expectativas para a profissão o material analisado evidenciou a possibilidade de utilização do conhecimento psicológico para engendrar espaços de harmonia e evitação de conflitos (SCARPARO et al., 2010). Cabe à psicologia, então, dirimir dúvidas e indicar comportamentos ou manejos das relações humanas que favorecessem a legitimação dos processos de adaptação aos espaços de desenvolvimento socioeconômicos/ progresso desejados para o Brasil. Nessa perspectiva a fonte consultada denota ampla visibilidade e utilização de instrumentos psicométricos e projetivos como uma formas de avaliar a saúde mental do indivíduo, adequando-o a padrões de normalidade ou de marginalidade e indicando comportamento desejados para a inserção e atuação no mercado de trabalho (CASTRO et al., 2008, p. 265) já que a lógica do progresso e o desejo de desenvolvimento nacional também atravessava o fazer psicológico da época.



REFERÊNCIAS

- CASTRO, A.C. et al. Medir, classificar e diferenciar. In: VILELA, A. M; FERREIRA, A; PORTUGAL, F. T. (Orgs.) **História da Psicologia: rumos e percursos**. Rio de Janeiro: NAU, 2008.
- FAUSTO, B., **História do Brasil**. Ed. Edusp, São Paulo. 2001.
- HOBSBAWN, E., **Era dos extremos - O breve século XX 1914-1991**. São Paulo: Schvarcz LTDA. 1995.
- PENN, G. Análise semiótica de imagens paradas. In BAUER, M. W. & GASKELL, G., **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som – Um manual Prático**. Petrópolis: Vozes. 2002.
- SCARPARO, H., PIZZINATO, A., ACCORSI, A. Contextos, processos e memórias: narrativas sobre a saúde mental na década de sessenta a oitenta no Brasil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Porto Alegre, dez.2010.
- SPINK, M.J., **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano : aproximações teóricas e metodológicas**. São Paulo : Cortez, 2000.
- VICENTINO, C., **História Geral**. Ed. Scipione. São Paulo. 1997.

¹ Pesquisa realizada com apoio da FAPERGS

*Acadêmica de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

**Docente de Pós - Graduação Da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul